

BARBARA ANN BRENNAN

MÃOS
DE
LUZ

Tradução de
Octavio Mendes Cajado

alma
dos
livros

PREFÁCIO

Esta é uma nova era e, parafraseando Shakespeare: «Há mais coisas entre o Céu e a Terra do que o homem possa imaginar.» Este livro é dirigido aos que procuram a autocompreensão dos seus processos físicos e emocionais, que extrapolam a estrutura da medicina clássica. Concentra-se na arte de curar por meios físicos e metafísicos. Abre novas dimensões para compreender os conceitos de identidade psicossomática, que nos foram apresentados, pela primeira vez, por Wilhelm Reich, Walter Canon, Franz Alexander, Flanders Dunbar, Burr, Northrup e muitos outros investigadores do campo da psicossomática.

O seu conteúdo trata de definir experiências de tratamento e cura da história das investigações científicas no campo de energia humano e da aura. O livro é único porque liga a psicodinâmica ao campo de energia humano. Descreve as variações do campo de energia na medida em que se relaciona com as funções da personalidade.

A última parte define as causas da doença baseadas nos conceitos metafísicos, que são, em seguida, ligados às perturbações da aura. O leitor também encontrará aqui uma descrição da natureza da cura espiritual e a sua relação com o curador e o sujeito.

Esta obra foi escrita com base nas experiências subjetivas da autora, que estudou física e psicoterapia. A combinação do conhecimento objetivo com as experiências subjetivas forma um método único de expansão da consciência além dos confins do conhecimento objetivo.

Àqueles que estão abertos a um enfoque desta natureza, este livro oferece um material riquíssimo, que se pode aprender, experimentar e com o qual também é possível fazer experiências. Àqueles que têm objetivos mais ambiciosos, recomendaria que abrissem as suas

mentes para a pergunta: «Há uma possibilidade de existência para esta nova perspectiva, que se estende além da lógica e da experimentação científica objetiva?»

Recomendo esta obra com insistência aos que se emocionam com o fenómeno da vida nos níveis físico e metafísico. É o trabalho de muitos anos de esforço dedicado e representa a evolução da personalidade da autora e o desenvolvimento dos seus dons especiais de cura. O leitor estará a ingressar num domínio fascinante, repleto de maravilhas.

A autora merece louvores pela sua coragem em trazer a público as suas experiências subjetivas e objetivas.

Dr. John Pierrakos,
Instituto de Energética do NÚCLEO,
Nova Iorque

PRIMEIRA PARTE

VIVER NUM PLANETA
DE ENERGIA

«Sustento que o sentimento religioso
cósmico é o mais forte e o mais nobre
incitamento à pesquisa científica.»

ALBERT EINSTEIN

Capítulo Um
A EXPERIÊNCIA DA CURA

Durante os meus anos de prática como curadora, tive o privilégio de trabalhar com muitas pessoas encantadoras. Aqui estão algumas delas, com as suas histórias, que tornam o dia na vida de um curador tão gratificante.

A minha primeira visita, num dia de outubro de 1984, foi uma mulher de vinte e muitos anos chamada Jenny. A Jenny era uma alegre professora que teria cerca de um metro e sessenta de altura, grandes olhos azuis e cabelos escuros. Era conhecida entre os amigos como a dama da alfazema, porque adorava alfazema e usava-a o tempo todo. A Jenny trabalhava também, em *part-time*, num negócio de flores e fazia admiráveis arranjos florais para casamentos e outros eventos festivos. Estivera casada por vários anos com um publicitário bem-sucedido. Tendo tido um aborto vários meses antes, não conseguira engravidar outra vez. Quando a Jenny procurou o médico para saber porque era incapaz de conceber, recebeu algumas más notícias. Após uma série de exames e opiniões de diversos outros médicos, chegou-se à conclusão de que ela devia submeter-se a uma histerec-tomia o quanto antes. Havia células anormais no seu útero, onde a placenta estivera presa. A Jenny ficou assustada e deprimida. Ela e o marido tinham esperado constituir família quando estivessem em boas condições financeiras. Agora, isso parecia impossível.

Na primeira vez que a Jenny me procurou, em agosto daquele ano, não me disse nada acerca do seu histórico clínico. Declarou apenas: «Preciso da sua ajuda. Diga-me o que vê no meu corpo. Preciso de tomar uma decisão importante.»

Durante a sessão de tratamento, sondei-lhe o campo de energia, ou aura, utilizando a minha «Percepção Extrassensorial» (PES).

«Vi» algumas células anormais no lado esquerdo inferior do útero. Ao mesmo tempo, «vi» as circunstâncias que haviam cercado o aborto. As células anormais estavam localizadas onde a placenta estivera presa. Também «ouvi» palavras que descreviam o estado da Jenny e o que se devia fazer a respeito. A Jenny precisava de tirar um mês de férias, ir à praia, tomar certas vitaminas, sujeitar-se a uma dieta específica e meditar, sozinha, pelo menos duas horas por dia. Em seguida, depois de passar o mês a curar-se, devia voltar ao seu médico convencional e submeter-se a novos exames. Fiquei a saber que a cura se completara e que ela já não precisava de me procurar. Durante o tratamento, recebi informações sobre a sua atitude psicológica e como isso estava a influir na sua incapacidade de se curar. Ela atribuía a si a culpa do aborto. Consequentemente, colocava uma pressão indevida sobre si mesma e impedia o corpo de se curar depois do insucesso. Foi-me dito (e esta é a parte difícil para mim) que ela não devia procurar outro médico pelo menos durante um mês, porque os diagnósticos e pressões diferentes para que se submetesse a uma histerectomia estavam aumentar-lhe consideravelmente o stresse. O seu coração estava despedaçado porque queria muito ter um filho. A Jenny saiu do meu consultório mais aliviada e prometeu pensar em tudo o que acontecera na sessão de tratamento.

Em outubro, quando regressou, a primeira coisa que fez foi dar-me um abraço apertado e um bonito poema de agradecimento. Os seus exames médicos estavam normais. Passara o mês de agosto a tomar conta de filhos de amigos em Fire Island. Seguiu a dieta, tomara as vitaminas e passara um bom período de tempo a sós, a praticar a autocura. Decidira esperar mais alguns meses e depois tentar engravidar outra vez. Um ano mais tarde, fiquei a saber que a Jenny dera à luz um menino saudável.

O meu segundo cliente naquele dia de outubro foi o Howard. É o pai da Mary, de quem tratei há algum tempo. A Mary apresentava manchas de terceira classe nos mamilos (estado pré-canceroso) que haviam desaparecido depois de umas seis sessões de tratamento. Faz agora vários anos que as manchas nos mamilos se têm mostrado perfeitamente normais. A Mary, que também é enfermeira, fundou e dirige uma organização de enfermagem que oferece cursos de atualização para enfermeiros e os prepara para os hospitais da

região de Filadélfia. Interessada pelo meu trabalho, manda-me pessoas regularmente.

Há vários meses que o Howard ia ao meu consultório. Operário aposentado, é uma pessoa encantadora. Da primeira vez que me veio procurar estava lívido e sentia dores constantes no coração. Era-lhe difícil atravessar uma sala sem se cansar. Depois da primeira sessão de tratamento, a sua pele ficou rosada e as dores desapareceram. Após dois meses de sessões semanais, voltou a dançar. A Mary e eu temos trabalhado em conjunto para combinar o tratamento pela imposição das mãos com medicações à base de ervas, prescritas por um médico naturopata, para eliminar as placas das artérias. A partir daquele dia continuei a equilibrar e a fortalecer o seu campo. As melhoras foram evidentes para os médicos e os amigos.

Outra pessoa que vi naquele dia foi o Ed, que veio procurar-me pela primeira vez com problemas no pulso. As articulações dos braços e do pulso estavam a ficar cada vez mais fracas. Também sentia dor quando chegava ao orgasmo no ato sexual. Tivera as costas fracas durante algum tempo e, agora, a fraqueza progredira tanto que não conseguia carregar coisa alguma, nem mesmo uns poucos pratos. Na primeira sessão de tratamento que fizemos «vi», através do seu campo áurico, que magoara o cóccix aos doze anos. Na ocasião da lesão, ele estava a ter inúmeras dificuldades em lidar com as incipientes sensações sexuais que experienciava na puberdade. O acidente diminuiu as dificuldades, e foi-lhe possível enfrentar melhor a situação.

O seu cóccix estava preso à esquerda e não conseguia mover-se normalmente para ajudar a bombear o fluido cerebrospinal através da sua via normal, provocando grande desequilíbrio e profunda debilidade em todo o seu sistema energético. O passo seguinte nesse processo de degeneração foi um enfraquecimento da parte inferior das costas, depois, da parte média, e finalmente da parte superior. Todas as vezes que ficava mais fraco numa parte do corpo, por falta de energia, a outra parte procurava compensar essa fraqueza. Ele passou a carregar uma grande tensão nas articulações dos braços, os quais, finalmente, deram de si e se debilitaram. Todo o processo de fragilização levou anos.

O Ed e eu tivemos um processo bem-sucedido de tratamento por um período de vários meses. Primeiro, ele trabalhou com o fluxo de

energia para descomprimir o cóccix, realinhá-lo, e, a seguir, aumentar e equilibrar o fluxo de energia através do seu sistema. Pouco a pouco, voltou-lhe toda a força. Naquela tarde, o único sintoma que restara era uma pequena fraqueza no pulso esquerdo. Mas, antes de lidar com isso, tornei a equilibrar e revigorar todo o seu campo de energia. Em seguida, gastei um pouco mais de tempo permitindo que a energia de cura fluísse para o seu pulso.

A última pessoa que vi naquele dia foi a Muriel, artista e esposa de um conhecido cirurgião. Era a sua terceira consulta comigo. Três semanas antes ela aparecera no meu consultório com uma tiroide muito aumentada. Na primeira entrevista, voltei a usar a minha Percepção Extrassensorial (PES) para coligir informações acerca do seu estado. Pude ver então que a tiroide aumentada não se devia a cancro e que, em apenas duas sessões, combinadas com a medicação receitada pelos médicos, o aumento de tamanho da tiroide desapareceria. Vi que não seria necessária cirurgia alguma. Ela confessou ter consultado diversos médicos, que lhe haviam dado medicamentos para diminuir a tiroide, e segundo os quais a medicação a reduziria um pouco, mas, mesmo assim, não a livraria da cirurgia, havendo até uma possibilidade de tratar-se de cancro. A cirurgia foi marcada para uma semana depois da segunda entrevista. Administrei-lhe os dois tratamentos com uma semana de intervalo. Na ocasião em que se submeteu à cirurgia, constatou-se que não havia necessidade da operação; os médicos ficaram muito surpreendidos. Muriel reapareceu naquele dia para verificar se a saúde voltara ao normal. Voltara.

Como é que estes eventos aparentemente milagrosos acontecem? O que é que estou a fazer para ajudar estas pessoas? O processo que uso chama-se *imposição das mãos, cura pela fé ou cura espiritual*. Não se trata, de maneira alguma, de um processo misterioso; trata-se, pelo contrário, de um processo muito direto, se bem que, não raro, muito complicado. Um processo que envolve o reequilíbrio do campo de energia, que denomino o Campo de Energia Humano, existente em torno de cada um de nós. Todos nós temos um campo de energia, ou aura, que rodeia e penetra o corpo físico, intimamente associado à saúde. A Percepção Extrassensorial é um modo de perceber as coisas além dos limites normais dos sentidos humanos. Por seu intermédio, podemos ver, ouvir, cheirar, provar e tocar coisas que normalmente

não podem ser percebidas. A Percepção Extrassensorial é uma forma de «ver» na qual se percebe uma imagem na mente sem o uso da visão normal. Não é imaginação. Às vezes, damos o nome de clari-vidência. A PES revela o mundo dinâmico do fluido que interage com os campos de energia vital em torno e através de todas as coisas. Durante a maior parte da minha vida tenho-me visto às voltas com o mar vivo de energia em que existimos. Por esse meio, descobri que a energia nos sustenta, nos alimenta, nos dá vida. Sentimo-nos uns aos outros por intermédio dela; pertencemos a ela; e ela pertence-nos.

Os meus clientes e alunos perguntam-me quando vi, pela primeira vez, o campo de energia ao redor das pessoas. Quando é que percebi, pela primeira vez, que era um instrumento útil? Em que consiste a capacidade de perceber coisas além dos limites normais dos sentidos humanos? Existe porventura em mim alguma coisa especial, ou isso é coisa que pode ser aprendida? A ser assim, que podem fazer as pessoas para dilatar os limites da sua percepção, e que valor tem isso para as suas vidas? Para responder a essas perguntas preciso de voltar ao princípio.

A minha infância foi muito simples. Cresci numa quinta no Wisconsin. Como não havia muitas crianças para brincar, passei grande parte do tempo sozinha. Deixava-me ficar horas e horas sentada no meio da natureza, imóvel e só, à espera de que pequenos animais se aproximassem de mim. Procurava fundir-me com as coisas que me cercavam. Só muito depois comecei a compreender o significado desses períodos de silêncio e espera. Naqueles momentos tranquilos na floresta, entrava num estado ampliado de consciência em que era capaz de perceber coisas além dos limites humanos normais da experiência. Lembro-me de saber onde se encontrava cada animal sem olhar. Podia sentir-lhe o estado. Quando caminhava de olhos vendados na floresta, sentia as árvores muito antes de poder tocá-las com as mãos. Compreendi que as árvores eram maiores do que pareciam ser aos nossos olhos. As árvores têm à sua volta campos de energia vital, e eu estava a senti-los. Mais tarde, aprendi a ver os campos de energia das árvores e dos pequenos animais. Descobri que tudo tem um campo de energia à sua volta, campo esse que se assemelha, mais ou menos, à luz de uma vela. Comecei a notar, igualmente, que tudo se encontrava ligado por esses campos de

energia, que não existia espaço sem um campo de energia. Todas as coisas, inclusive eu, estavam a viver num mar de energia.

Essa descoberta não foi emocionante para mim. Era simplesmente uma experiência minha, tão natural como ver um esquilo a comer uma bolota no galho de uma árvore. Nunca teorizei essas experiências. Aceitava tudo como perfeitamente natural, presumia que toda a gente o soubesse e depois esqueci tudo.

À medida que entrava na adolescência, deixei de me aventurar pela floresta. Comecei a interessar-me por como as coisas funcionavam e porque são como são. Questionava tudo numa busca por encontrar ordem e entender a maneira como o mundo funcionava. Fui para a faculdade, obtive um mestrado em Ciências em Física Atmosférica e, em seguida, trabalhei para a NASA a fazer pesquisas por vários anos. Mais tarde, fiz formação e tornei-me conselheira. Só depois de ter trabalhado nessa área durante alguns anos é que comecei a ver cores à volta da cabeça das pessoas e me lembrei das minhas experiências infantis na floresta. Compreendi, então, que tais experiências eram o início da minha Percepção Extrassensorial, ou visão clarividente. Essas experiências encantadoras e secretas conduziram-me, finalmente, a diagnosticar e a curar pessoas que se encontravam gravemente doentes.

Ao olhar para trás, consigo ver o padrão de desenvolvimento das minhas habilidades desde o nascimento. Como se a minha vida tivesse sido guiada por uma mão invisível que me levou a cada uma das experiências e me conduziu através de cada uma delas, progressivamente, de modo muito parecido com a passagem pela escola — a escola a que damos o nome de vida.

A experiência na floresta ajudou a ampliar os meus sentidos. Depois, a minha educação universitária ajudou a desenvolver o pensamento lógico da minha mente. A experiência de aconselhamento abriu-me os olhos e o coração para a humanidade. Finalmente, o meu treino espiritual (que discutirei mais tarde) emprestou suficiente credibilidade às minhas experiências incomuns para me abrir a mente e aceitá-las como «reais». Pus-me a criar uma estrutura para compreender tais experiências. Pouco a pouco, a Percepção Extrassensorial e o Campo de Energia Humano vieram a ser partes integrantes da minha vida.

Acredito firmemente que eles podem tornar-se parte integrante da vida de qualquer pessoa. Para desenvolver a PES é necessário entrar num estado ampliado de consciência. Há muitos métodos para fazê-lo. A meditação é o mais conhecido, e pode ser praticada de muitas maneiras; o importante é encontrar a forma que melhor se ajuste a cada um. Mais adiante, apresentarei algumas sugestões a respeito da meditação, que o leitor poderá escolher. Descobri também que podemos entrar num estado ampliado de consciência correndo, andando, pescando, sentando-nos numa duna de areia e observando o fluir e refluir das águas, ou sentando-nos na floresta como eu fazia quando era uma criança. O mais importante aqui é dar-nos tempo suficiente para prestar atenção a nós mesmos — tempo suficiente para silenciar a mente barulhenta que não para de falar sobre o que precisamos de fazer, como teríamos podido vencer aquela discussão, o que devíamos ter feito, o que temos de errado, etc., etc. Afastada essa conversa incessante, abre-se para nós um mundo inteiramente novo de suave e harmoniosa realidade. Começamos a misturar-nos com as coisas que nos cercam, como eu fazia na floresta. Ao mesmo tempo, a nossa individualidade não se perde, mas, pelo contrário, intensifica-se.

O processo de nos fundirmos com as coisas que nos cercam é outra maneira de descrever a experiência de uma percepção ampliada. Voltemos a considerar, por exemplo, a vela e a sua chama. Normalmente, identificamo-nos com um corpo (a cera e o pavio) dotado de consciência (o fogo). Quando ingressamos num estado de consciência ampliada, vemo-nos também como a luz que vem da chama. Onde começa a luz e onde termina a chama? Parece haver ali uma linha divisória, mas onde está ela exatamente quando olhamos mais de perto? A chama é completamente penetrada pela luz. A luz da sala, que não provém da vela (mar de energia), penetra a chama? Penetra. Onde começa a luz da sala e onde termina a luz da vela? De acordo com a física, não há limite para a luz de uma vela, que se estende ao infinito. Onde fica, então, o nosso limite máximo? Segundo a minha experiência da PES, resultante de uma consciência ampliada, não existe limite. Quanto mais amplio a minha consciência, tanto mais se amplia a minha PES, maior quantidade de realidade entra no meu espaço visual, mais sou capaz de ver uma realidade que já

está lá, mas que, antes disso, fugia à minha percepção. À medida que se amplia a minha PES, maior quantidade de realidade entra no meu espaço visual. A princípio, eu só via os campos de energia mais grosseira ao redor das coisas: eles só se estendiam por dois centímetros e meio, ou coisa que o valha, além da pele. À medida que me tornei mais proficiente, pude ver que o campo se estendia mais a partir da pele, mas era constituído, aparentemente, de uma substância mais fina ou de uma luz menos intensa. Todas as vezes que eu acreditava ter encontrado o limite, acabava por ver, subsequentemente, além daquela linha. Onde está a linha? Cheguei à conclusão de que seria mais fácil dizer que só há camadas: a camada da chama, depois a da luz da chama, depois a da luz da sala. Cada linha nova é mais difícil de distinguir. A percepção de cada camada externa requer um estado de consciência mais ampliado e uma PES mais aprimorada. À medida que o seu estado de consciência se expande, a luz que antes via como fraca fica mais brilhante e torna-se mais nitidamente definida.

À medida que eu desenvolvia a minha Percepção Extrassensorial com o passar dos anos, fui compilando observações. Fiz a maior parte delas durante os 15 anos em que trabalhei como conselheira. Havendo eu estudado física, mostrei-me cética quando comecei a «ver» os fenômenos de energia em torno do corpo das pessoas. Mas como os fenômenos persistiam, ainda que eu fechasse os olhos para afastá-los, ou desse voltas pela sala, comecei a observá-los com mais atenção. E assim começou a minha jornada pessoal, levando-me para mundos de cuja existência eu nunca suspeitara, mudando completamente o modo como experimento a realidade, as pessoas, o universo e a minha maneira de me relacionar com cada um deles.

Vi que o campo de energia está intimamente associado à saúde e ao bem-estar da pessoa. Se esta não for saudável, o mal evidenciar-se-á no campo de energia como um fluxo desequilibrado de energia e/ou uma energia estagnada que deixou de fluir e aparece com cores escurecidas. Em compensação, a pessoa saudável mostra cores brilhantes, que fluem com facilidade num campo equilibrado. Essas cores e formas são peculiares a cada doença. A PES é extremamente valiosa em medicina e no aconselhamento psicológico. Utilizando-a, tornei-

-me proficiente em diagnosticar problemas, tanto físicos como psicológicos, e em descobrir maneiras de resolvê-los.

Com a PES, o mecanismo das doenças psicossomáticas encontra-se diante dos nossos olhos. A PES revela o modo como se inicia nos campos de energia a maioria das doenças, e é depois, com o tempo e com os hábitos de vida, transmitida ao corpo, transformando-se numa doença séria. Muitas vezes a origem ou a causa inicial do processo associa-se a um trauma psicológico ou físico, ou a uma combinação dos dois. Visto que a PES revela o modo como se inicia a enfermidade, também revela o modo como se pode inverter o processo da doença.

No processo de aprender a ver o campo, também aprendi a interagir com ele conscientemente, como com qualquer outra coisa que eu possa ver. Pude manipular o meu próprio campo para interagir com o campo de outra pessoa. Aprendi também a reequilibrar um campo de energia doente, de modo a que a pessoa pudesse voltar ao estado de saúde. Além disso, surpreendi-me a receber informações relativas à origem da doença de cada pessoa. Essa informação parecia provir do que se me afigurava uma inteligência superior à minha ou à que eu normalmente suponha que fosse minha. O processo de receber informações dessa maneira é popularmente denominado *canalização*. A informação canalizada chegava-me em forma de palavras, de conceitos ou figuras simbólicas que me penetravam a mente quando eu tentava reequilibrar o campo de energia da pessoa. Encontrava-me sempre num estado alterado de consciência ao fazê-la. Adestrei-me em receber informações de várias maneiras, usando a PES (isto é, canalizando ou vendo). Procedia à correlação entre o que recebia, fosse uma figura simbólica na minha mente, fosse um conceito ou uma mensagem verbal direta, com o que via no campo de energia. Num caso, por exemplo, ouvi dizer diretamente: «Ela tem cancro», e vi um ponto preto no seu campo de energia. O ponto preto correspondia, no tamanho, na forma e na localização, aos resultados de uma exploração realizada mais tarde. Essa recepção de informações combinada com a PES tornou-se muito eficiente, e sou muito precisa em qualquer descrição particular do estado de alguém. Também recebo informações a respeito das ações de autoajuda que uma pessoa deve levar a efeito no decorrer do processo de cura, o qual geralmente supõe uma série de sessões de tratamento, que duram diversas semanas

ou meses, dependendo da gravidade da doença. O processo de cura inclui o reequilíbrio do campo, a mudança dos hábitos de vida e a manipulação do trauma que deu origem ao processo.

É essencial lidarmos com o significado mais profundo das nossas enfermidades. Precisamos de perguntar: O que significa esta doença para mim? O que posso aprender com ela? A doença pode ser vista simplesmente como uma mensagem do corpo a si dirigida, que diz, entre outras coisas: *Espera um momento; algo não está bem. Não estás a dar atenção ao teu eu como um todo; estás a ignorar alguma coisa muito importante para ti. O que é?*

A origem da doença tem de ser investigada dessa maneira, no nível psicológico ou dos sentidos, no nível do entendimento, ou simplesmente através de uma mudança no nosso estado de ser, que pode não ser consciente. O retorno à saúde requer um trabalho e uma mudança muito mais pessoais do que a simples ingestão de comprimidos receitados pelo médico. Sem essa mudança pessoal, acabaremos por criar outro problema, que nos conduzirá de volta à origem da doença. Descobri que a origem é a chave. Para lidar com ela, impõe-se, em geral, uma mudança capaz de conduzir finalmente a uma vida pessoal mais ligada ao âmago do nosso ser. Conduz-nos à parte mais profunda de nós mesmos, às vezes denominada o eu superior ou a centelha da divindade que existe dentro de nós.